

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

SINCRETISMO (Yuri Ávila)

Definições conceituais confinam em uma única palavra o resumo de uma análise, sendo, portanto, capazes de mobilizar dados, que concorrem para sua demonstração e validade heurística. Sincretismo, entretanto, é síntese de variegados processos analíticos, podendo significar amálgama, superposição, paralelismo, adaptação, mistura, fusão, convergência, entre outros, a depender do estudo que se queira realizar e da referência teórica que se utilize (FERRETTI, 1995). Isso certamente se deve ao grande número de estudos que laçaram mão deste termo, assim como pelo hiato temporal desses usos. Em outras palavras, a categoria sincretismo, a despeito de sua fixidez vocabular, reflete os questionamentos de variadas orientações teóricas, tomando pra si uma natureza multívoca -que modifica sua estrutura conceitual, por exemplo, frente ao colonialismo, ao hibridismo, ao pós-colonialismo, ao estruturalismo, ao multiculturalismo, ao interculturalismo e a toda sorte de teorias sociais modernas substantivadas pelo sufixo *ismo*. O termo caiu em desgraça acadêmica em tempos mais recentes justamente por haver cristalizado a idéia de perda identitária, subjugação e posterior desaparecimento (fenômeno este denominado por aculturação) de grupos minoritários ante a sociedade ocidental mais globalizante. A recolocação do sincretismo na agenda teórica das ciências humanas e dos movimentos sociais tem que ver com a mudança de percepção da categorial *identidade*, na medida em que abordagens atuais transitam do *multi* para o *intercultural*, ou seja, o estabelecimento e defesa de identidades essencializadas é insuficiente para compreender e interagir na configuração fricativa das culturas ensejadas pelo ordenamento do capitalismo globalizado. A defesa do estudo do *cultural* por parte de autores como Néstor Canclini e Arjun Appadurai é exemplo eloqüente de que os contornos do nacional e do étnico tornam-se imprecisos em um contexto de produção, circulação e consumo mundializados de bens culturais, dando espaço para tratar de tensões, conflitos e re-significações dos eventos culturais (CANCLINI, 2004).

Um mapa dos vários usos do termo sincretismo seria assim delimitado: o primeiro caso seria sua negação plena, isto é, a total separação, o não-sincretismo. Agrupado em termos como mistura, junção e fusão, o segundo vem a significar a formação de algo novo a partir de elementos primeiros. O terceiro, reconhecido como

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

paralelismo ou justaposição, seria a equivalência simbólica de dois elementos díspares, porque culturalmente afastados. Por fim, o quarto diz respeito à convergência ou adaptação. É esta, portanto, a idéia contida no texto de Valente (1976, 10), preme de concepções hoje pouco aceitas, pois qualificadas como preconceituosas, que põe o sincretismo como “um processo que se propõe resolver uma situação de conflito cultural. Neste, a principal característica é a luta pelo status, ou seja o esforço empreendido no sentido de conseguir uma posição que se ajuste à idéia que o indivíduo ou grupo tem da função que desempenha dentro de uma cultura”. Do ponto de vista descritivo, em uma mesma situação etnográfica ou grupo estudado pode se qualificar mais de um tipo de sincretismo. Contudo, há que se enfatizar a importância do sincretismo para identificação, caracterização e como chave interpretativa da condição societal moderna de aceleração dos contatos, das mudanças técnicas e dos imperativos políticos das economias de mercado. Este é, portanto, um recurso de investigação que possibilita perceber as investidas dialogais traçadas nos embates sociais e no acesso e fruição de bens culturais.

Ao sincretismo cabe perceber padrões de codificação e decodificação dos eventos e mensagens culturais, assim como novas formas de realizações rituais oriundas do contato. Um exemplo claro no âmbito místico é a conformação de expressões religiosas como a Umbanda, ou ainda as modificações estruturais, litúrgicas e cerimoniais dentro do Catolicismo com a criação do Secretariado para os Não-Cristãos em 1964, das Pastorais Afro e das missas indígenas e afros nos anos 90.

Referências:

CANCLINI, N. **Diferentes, desiguales y desconectados**: mapas de la interculturalidad. Barcelona, Gedisa, 2004.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo**: estudo sobre a casa de minas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

SANCHIS, Pierre. Religião, religiões... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro in ____ (org). **Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001a.

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

SERRA, Ordep. Sincretismo e separação. **Águas do rei**. Petrópolis / Rio de Janeiro:
Editora Vozes / Koinonia, 1995.

VALENTE, Valdemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Ed.
Nacional, 1976.